

Para uma poética da desobediência epistêmica: memórias subalternas de um intelectual fronteiriço

*Por una poesía de desobediencia epistémica:
memorias subalternas de un intelectual fronterizo*

Ana Paula Marques Machado¹

Angela Guida²

Resumo

O intelectual de fronteira precisa elaborar seu pensamento e agir de forma desobediente, para fazer com que sua voz possa ser ouvida nos centros hegemônicos. Praticar a desobediência epistêmica é uma das condições inerentes aos saberes fronteiriços. Este trabalho pretende discutir os conceitos de fronteira epistemológica e de memória subalterna a partir da leitura e discussão da obra teórico-ficcional do professor e intelectual de fronteira, Edgar César Nolasco. Nolasco teoriza seu discurso a partir da fronteira-Sul Brasil/Paraguai/Bolívia, definindo uma crítica pós-colonial a partir de suas memórias subalternas, como por exemplo, do pântano *sanguinolento*, cortado por uma dor incorrigível, feito um vento frio e afiado vindo do Sul, quando o urutau canta do outro lado da fronteira, tão próximo e tão distante, lonjuras em seu coração de homem-do-mato, de pântano suspenso por onde revoam os imponentes e misteriosos pássaros melancólicos, lugar que lhe permite atingir de forma bela e potente sua *poética bugresca* advinda daquela *fronteira-Sul*, podendo exumar memórias subalternas, recriar histórias locais e revelar identidades até então escondidas por trás de equivocadas leituras advindas do centro hegemônico. A poética ficcional de Edgar Nolasco evidencia suas memórias subalternas, que se encontram na trilogia *Pântano* (2014), *Oráculo da fronteira* (2018) e *A ignorância da Revolta* (2019). As epistemologias fronteiriças são, por natureza, desobedientes e validam a reflexão acerca da exterioridade, que busca por uma revisão da crítica e da teoria pelo olhar de epistemologias outras.

Palavras-Chave: Desobediência epistêmica; Edgar Nolasco; Fronteira; Memórias subalternas.

Resumen

El intelectual de la frontera necesita elaborar su pensamiento y actuar de manera desobediente, para que su voz se escuche en los centros hegemónicos. Practicar la desobediencia epistémica es una de las condiciones inherentes al conocimiento fronterizo. Este trabajo pretende discutir los conceptos de frontera epistemológica y memorias subalternas a partir de la lectura y discusión del trabajo teórico-ficcional del profesor e intelectual de la frontera, Edgar César Nolasco. Nolasco teoriza su discurso desde la frontera sur Brasil/Paraguay/Bolivia, definiendo una crítica poscolonial basada en sus recuerdos subordinados, como, por ejemplo, el pantano ensangrentado, cortado por un dolor incorregible, como un viento frío y agudo que viene del Sur, cuando el urutau canta al otro lado de la frontera, tan cerca y tan lejos, largas distancias en su corazón del hombre-de-arbusto, de pantano suspendido donde vuelan los imponentes y misteriosos pájaros melancólicos, un lugar que le permite llegar en un magistral su poética bugresca desde esa frontera sur, pudiendo exhumar recuerdos subalternos, recrear historias locales y revelar identidades hasta ahora escondidas detrás de lecturas erróneas del centro hegemónico. La poética de ficción de

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens na UFMS; Campo grande, Mato grosso do Sul, Brasil; anapaulamorozzo@hotmail.com.

² Doutora em Ciência da Literatura/Poética [UFRJ], docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no programa de Pós-Graduação/Mestrado e Doutorado em Estudos de Linguagens Campo Grande, Mato grosso do Sul, Brasil; angelaguida.ufms@gmail.com

Edgar Nolasco destaca sus recuerdos subordinados, que se encuentran en la trilogía Pantano (2014), Oráculo de la frontera (2018) y La ignorancia de la revuelta (2019). Las epistemologías fronterizas son, por su naturaleza, desobedientes y validan la reflexión sobre la exterioridad, que busca una revisión de la crítica y la teoría a través de la mirada de otras epistemologías.

Palabras clave: Desobediencia epistémica; Edgar Nolasco; Frontera. Recuerdos subalternos.

1. Introdução

O intelectual Edgar César Nolasco evidencia que colhe as palavras *selbaje* e *fronteriza* da fronteira-sul, lugar onde o sol se põe por sobre a fronteira e que, à sua maneira, o leva ao encontro de seu próprio *bios* familiar, cultural e histórico. Posto isso, essas ditas palavras, entre outras que não são compreendidas por ele, também foram ditas por bolivianos, paraguaios, indígenas, brasiguaios, *bugres*, sul-mato-grossenses, galponeiros, pantaneiros e andariegos. Ele mesmo descobriu que essas ditas palavras não lhe eram desconhecidas desde sua infância vivida naquela fronteira com o Paraguai, bem ali à beira do grandioso rio Dourados. Sua memória cultural está atravessada pelas *charlas* dos campeiros e ervateiros daquela região. Então, de toda aquela errância cultural e histórica, permanece arraigado em suas sensibilidades biográficas, o canto desolado e melancólico do urutau, como um mimetizador daquela paisagem local singular não se deixando moldurar pelas palavras.

Segundo Nolasco, “A teimosia crítica do intelectual *fronterizo* deve ser aquela de uma desobediência epistêmica constante” (2013, p. 13), portanto, é a partir da fronteira-sul Brasil/Paraguai/Bolívia, que Edgar Nolasco erige seu discurso crítico, por ser ocidental e simbolizar o lugar em que o sol se põe e também, metaforicamente falando, espelhar genuinamente a condição de crepúsculo oscilante sanguinolento, requer a ascensão de uma epistemologia *fronteriza* peculiar que dê conta de fazer uma reflexão acerca desse lugar subalterno por excelência. Essa epistemologia outra labuta a exumação das memórias, histórias e discursos subalternos, possibilitando a ascensão das sobras por fora do discurso centralizado da crítica moderna que predominou aqui nos trópicos com seu bondoso propósito salvífico e messiânico.

Conforme Walter Mignolo (2015, p. 119), “Pensar na organicidade entre língua, cultura e território só seria possível dentro da epistemologia colonial/moderna” (2015, p.119), ou seja, que separou o espaço do tempo, fixou as culturas em territórios e os localizou no tempo da história universal ascendente. Isso pretende afirmar que a cultura europeia foi o lugar de chegada e o guia para ir além, isto é, o futuro. Sendo assim, a missão civilizadora e a cristianização preencheram os projetos coloniais europeus até o ano de 1945, e a modernização e o desenvolvimento do consumidor os compensou como projeto colonial após 1945, encabeçado pelos Estados Unidos. Os legados coloniais são bastante diversificados, não somente porque existiram vários imperialismos e colonialismos aplicados a eles, mas porque alternam as localizações geográficas por onde utilizam os distintos colonialismos.

Mignolo destaca ainda que agora, uma vez que os legados coloniais estão sendo considerados, nos damos conta de que eles são como um espaço de acúmulo de fúria que não se articula teoricamente, pois a teoria sempre esteve do lado civilizador dos legados coloniais, jamais do lado da força dividida entre a civilização e a barbárie. Essa epistemologia fronteiriça que sempre ficou reprimida como misturada e impura, em face das teorias que defendiam a pureza de sangue, unidade da linguagem e razão - não sendo contaminada por emoções - surge hoje não só com a riqueza de civilização incorporada à barbárie, mas também com a fúria do engano/fraude histórica transformada em tomada de consciência. O conhecimento produzido

nas áreas reguladas pelos desígnios imperiais ou nas colônias, se realmente fosse interessante, era como objeto de estudo que permitia compreender as formas de vida locais, mas não era considerado parte do conhecimento universal produzido pela humanidade.

De acordo com Santos, “Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis” (1993, p.31), isto é, são as decorrências momentâneas e efêmeras dos processos de identificação. As identidades que supostamente são mais resistentes, como por exemplo, a do homem, mulher, país europeu ou país latino americano encobrem negociações de sentido, choques de temporalidades que se encontram em contínuos processos de mudança, sendo encarregados pela continuação de configurações hermenêuticas, que de tempos em tempos são incumbidos de fornecer vida e corpo para essas identidades, desse modo, identidades são identificações que se encontram em curso. É sabido também que as identificações, mesmo sendo diversificadas, na grande maioria das vezes, são submetidas pela preocupação da dessemelhança e também pela hierarquia das diferenças. Conforme Santos, o sujeito que indaga pela sua identidade faz um questionamento de quais são suas próprias referências hegemônicas, colocando-se no lugar do outro e, ao mesmo tempo, numa condição de carência e, conseqüentemente, de subordinação.

A escrita do professor e intelectual sul-mato-grossense Edgar César Nolasco está assentada enquanto uma extensão de suas próprias teorizações e, por ser um sujeito fronteira e fazer parte dela, erige seu discurso através dessa *fronteira sanguinolenta onde canta o urutau*, que é rechaçada, esquecida e excluída pelos centros hegemônicos. Sua poesia faz um percurso de suas memórias, desde sua infância, vividas nesse lugar ímpar, singular, de melancólico crepúsculo oscilante da fronteira, região pantanosa onde a Natureza é a exterioridade máxima de sua sobrevivência. Segundo Nolasco (2014, p.77), “Nasci num país chamado fronteira. Logo venho desse lugar distante e próximo a um só tempo. Cheguei ali quando o crepúsculo descambava para a melancolia e o boi no campo descansava e o urutau preparava seu abandono” (2014, p. 77).

2. Metodologia

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica. Nosso objetivo com ela foi discutir o espaço fronteiriço como um lugar de epistemologias outras e, para alcançar este propósito, nos valem da poética desobediente do intelectual sul-mato-grossense Edgar César Nolasco, que se encontra presente na trilogia *Pântano*, *Oráculo da fronteira* e *A ignorância da Revolta*. Os pressupostos teóricos com os quais dialogamos vieram de leituras de Mignolo, Nolasco e Boaventura de Souza, que muito nos auxiliaram a compor a tessitura teórico-cultural neste trabalho.

3. Resultados

Esperamos, com o respectivo trabalho, ter desenrolado um pouco mais dos fios das memórias subalternas, que se encontram presentes na poética ficcional de Edgar César Nolasco, um intelectual fronteiriço.

Na maioria das vezes, o intelectual subalterno e fronteiriço passa despercebido ou é rechaçado pelos centros hegemônicos, por isso, este trabalho se inscreveu sob a rubrica da desobediência epistêmica, uma vez que publicizou em um evento de grande alcance a obra deste intelectual de fronteira.

3. Conclusões

Deseja-se que o intelectual fronteiriço tenha visibilidade, que possa ser reconhecido pelos grandes centros hegemônicos que, desde sempre, rechaçam e excluem as vozes que são erigidas da fronteira. Sabe-se que uma poética *fronteriza* propõe saberes e ignorâncias outras, que rompem a cerca de arame farpado, dos latifundiários do poder e do saber advindos do discurso acadêmico e disciplinar. Conclui-se, com o respectivo trabalho, a importância de uma epistemologia *outra*, e que cada vez mais é necessário habitar as exterioridades, tendo como opção de vida o pensar descolonialmente.

Referências

- MIGNOLO, W. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad*. Barcelona: CIDOB y UACJ, 2015.
- NOLASCO, E. C. *A ignorância da revolta*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- NOLASCO, E. C. *Oráculo da fronteira*. São Paulo: Intermeios, 2018.
- NOLASCO, E. C. *Pântano*. São Paulo: Intermeios, 2014.
- NOLASCO, E. C. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- SANTOS, B. de S. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira, 31-52. In: *Rev. Sociol.* USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993.